

CEFETIZAÇÃO - EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Uma nova modalidade de Educação

Ernesto Macedo Reis

Prof. CEFET Campos
Mestrando Informática - UFRJ

Quando George Eastman sonhou estabelecer um negócio para a produção e venda de placas fotográficas, logo se deu conta de que poderia convencer só uns poucos aficionados bem equipados de comprarem suas placas e o papel. Estes estavam habituados a trabalharem em laboratórios semi-profissionais instalados em seus hangares. Os demais não estavam interessados em realizar eles mesmos as fotografias. Não queriam comprar custosas e horrorosas caixas pretas (aqui no sentido literal da palavra). Eastman inventou a noção de "fotógrafo amador"; todo mundo, dos 6 aos 96 anos poderia, deveria e desejaria tirar fotografias (LATOURET, 1992).

Com esta idéia de um mercado de massas, Eastman e seus amigos tinham que definir o objeto que convenceria todos a tirarem fotos. Muito poucos estavam dispostos a darem voltas através de custosos laboratórios. A Eastman Companhia define que o objeto deveria ser barato e fácil de manejar, tão fácil, que, como Eastman o apresentou, "você aperta um botão e nós fazemos o resto". A câmara todavia não estava ali, porém Eastman já intuía o perfil do objeto que faria sua empresa indispensável. Até então, somente uns poucos se davam a tirar fotografias. Se Eastman tivesse êxito, todo o mundo se proporia essa meta, e a única maneira de cumprir seu intento seria comprar a câmara e as películas do distribuidor local da Eastman Companhia.

A questão que agora abordamos relaciona-se à formação de uma equipe, multifuncional, iniciadora do desenvolvimento

de uma nova modalidade de educação, apoiada em inovações tecnológicas da telemática e que possa atingir também um número expressivo de pessoas cujas chances de ocupação dos bancos da escola seriada de horário fechado é muito pequena. Há algum tempo, isso seria somente um sonho.

Hoje somente apontamos a necessidade de liberdade de ações que favoreçam o desenvolvimento dos cursos a serem ministrados à distância. Essa tarefa, interdisciplinar, estruturada em processos de engenharia de software, apropria-se da tecnologia de ponta da área de Informática, mas, acima de tudo, representa uma ação na área de Educação.

Primeiramente, é necessária a formação de uma cultura de Educação à Distância (EAD), bem como das formas de utilização de suportes computacionais e de telecomunicações como ferramentas a serem utilizadas no dia-a-dia da sala de aula.

Essa forma de construção do conhecimento e desenvolvimento de novas habilidades, de todo tipo de aluno e profissional em sua formação continuada para o trabalho, tem como principal característica a ida da escola ao encontro de seus alunos, como já ocorre em muitos países do mundo, e não no único sentido até aqui priorizado, onde o estudante é quem dirige-se à escola.

Hoje, quando presenciamos questões relacionadas à empregabilidade, às novas competências e habilidades exigidas de nossos trabalhadores, não podemos perder a

OPINIÃO

oportunidade de ir ao encontro dessa imensa massa crítica, tão necessitada e que precisa sobretudo de flexibilidade e agilização quanto à condição de adquirir novos conhecimentos.

Entendendo que uma política educacional eficiente, que incentive os saltos tecnológicos, deve favorecer também essas qualidades que reduzem o tempo da qualificação ou requalificação profissional. Não podemos deixar de reconhecer que a implantação de um programa de uma modalidade de educação exercida à distância, até hoje, pouco conhecida de nossas instituições de ensino, exige um novo modelo educacional, onde abordagens pedagógicas inovadoras possam ser interrelacionadas com tecnologias e conteúdos específicos, resultando em interfaces amigáveis entre os interlocutores do processo educacional.

Esses ambientes, para serem produzidos, precisam distanciar-se dos que hoje vemos estabelecidos e arraigados em nossas salas de aula, pois acima de tudo representam uma intermediação individual aluno-orientador que, independentemente de qualquer tipo de trabalho cooperativo que se possa adotar, irá representar um processo onde o centro é o estudante, e não o conteúdo da disciplina encerrado em um programa, ou, o que é pior, no denominado livro texto, motivo de tantas discussões e tão poucas conclusões.

Isso, como na ocorrência com Eastman, representa uma forma de dissidência em relação às técnicas muitas vezes empregadas, que nem sempre contextualizam suas ações teóricas e experimentais. Assim, não podemos admitir nenhum tipo de processo de desenvolvimento em EAD que esteja, conforme propostas existentes, "subjugadas" a um controle exercido pelo ensino exclusivamente presencial.

Por sinal, a palavra indevidamente empregada no discurso em favor de tal vinculação, representa exatamente a tentativa de exercer o controle do processo educacional, partindo de pressupostos que impedem a construção de lapidação do

conhecimento, a partir do pouco interesse que manifestam pela história pregressa dos atores.

Hoje, devido à integração entre áreas como Psicologia, Pedagogia, Informática, Filosofia, pesquisas em Física e Cognição (GARDNER, 1995) podemos afirmar que todos nós apresentamos modelos mentais que precisam ser trabalhados a fim de transformarem-se no que denominamos conhecimento.

Por tudo isso defendemos uma participação que não seja vinculada a nenhuma forma fechada de ação educacional e que permita o desenvolvimento das propostas sob a forma de **Projetos**. Desta forma, a produção dos cursos inicialmente destinados à capacitação continuada de professores de primeiro e segundo graus, mediados por computador na modalidade EAD, devem ser estruturados a partir de processos de engenharia de sistemas, permitindo a projeção de prazos flexíveis no desenvolvimento e conclusão dos mesmos.

Podemos pensar em um futuro próximo, onde a interação entre as duas modalidades de abordagens pedagógicas possam responder por cursos mais ágeis na formação de docentes tecnológicos nas diversas áreas de ciências.

Concluindo, compreendemos que práticas pioneiras como esta representam bem a mudança de mentalidade que se faz necessária em uma comunidade que, às portas de um novo milênio, vivencia um momento de transformação em sua estrutura, podendo, inclusive, assumir uma posição de Organização de Aprendizagem.

Referências bibliográficas

- [1] LATOUR, Bruno. Science in action. Buckingham: Open University Press, 1992.
- [2] GARDNER, Howard. The mind's new science: a history of cognitive revolution [S. l.]: Basic Books, 1995.